

FERREIRA DE CASTRO

O INSTINTO SUPREMO



cavalos de ferro

SOBRE FERREIRA DE CASTRO

Jorge Amado: «Com a arma da literatura ajudou a transformar o mundo. Foi verdadeiro escritor de nossa época, sendo, como queria Gorki, ao mesmo tempo coveiro e parteiro, coveiro de um mundo caduco, de um tempo podre, parteiro de um mundo novo, de um tempo alegre e livre.» *Diário de Lisboa* (1966).

Robert Bréchon: «Il est aussi le romancier de la Subjectivité, de la conscience de soi, de la solitude des consciences et de leur affrontement, et c'est sans doute l'aspect le plus subtil et le plus profond de son œuvre.» *Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro – 1916/1966* (1967).

Karl-Heinz Delille: «A matéria etnográfica de forte vertente social e humana que trespassa as suas obras, a autenticidade da narrativa testemunhal, o objectivismo da reportagem e a técnica cinematográfica, o exotismo do alheio e do longínquo, a aventura, a plasticidade e força poética das descrições da natureza que permitem ao leitor assistir de perto aos fenómenos evocados, mas também o sentido ético, moral, mítico [...]» *Actas A Selva 75 Anos – Congresso Internacional* (2007).

A. R. Ferrarin: «Nell'opera di questo scrittore, la "saudade" che è alla base dell'anima portoghese assume succesivamente i più impensati avatar.» *Angustea*, Roma.

John C. Gillespie: «[...] Ferreira de Castro tem, nas suas obras, um fundo de pensamento vital que parece passar despercebido pela maioria dos seus leitores portugueses.» *Diário de Lisboa* (1966).

M. Rodrigues Lapa: «[...] um dos nossos mais elegantes prosadores [...]». *Estilística da Língua Portuguesa* (1945).

Óscar Lopes: «Ferreira de Castro foi o primeiro grande romancista português deste século que se determinou por problemas objectivos e não apenas por impulsos íntimos.» *O Comércio do Porto / Estrada Larga* (1958).

Agustina Bessa-Luís: «Assim são os livros de Ferreira de Castro: como uma árvore que amamos, de muito a ter absorvido na paisagem e no lugar da nossa vida.» *Memoriam de Ferreira de Castro* (1976).

Mário Sacramento: «A sua obra fecha um ciclo que a *Peregrinação* do Fernão Mendes Pinto abria. E inicia outro que os nossos filhos verão cumprir-se. Ao optimismo expansivo do Mendes Pinto, os *Emigrantes* opuseram a reflexão pungente que a abordagem do real hoje suscita. À ascensão, a depressão. Aos damascos opulentos, a lã ancestral dos tosquiadores de Viriato.» *Litoral, Aveiro* (1966).

SOBRE *O INSTINTO SUPREMO*

Antônio Cândido Franco: «A sua questão [em *A Selva* e em *O Instinto Supremo*] é a seguinte: será a vida do Homem e a vida da natureza concorrência feroz entre fracos e fortes, ou será antes a tentativa de ajuda mútua entre as espécies e, dentro da mesma espécie, entre fortes e fracos»? «*A Selva e O Instinto Supremo* de Ferreira de Castro», *A Selva 75 Anos – 1930-2005 – Congresso Internacional, Actas* (2007)

Bernard Emery: «[...] *O Instinto Supremo* foi o último romance do escritor, a um tempo testamento literário e um regresso às fontes de uma experiência amazônica que o marcou profundamente.» *Miscelânea Sobre José Maria Ferreira de Castro* (1994).

Jacinto do Prado Coelho: «Este o mais alto heroísmo: a superação do Homem pelo próprio Homem. Por isso a épica, na novela de Ferreira de Castro, consiste, mais que tudo, numa conquista subjetiva, numa espécie de ascese por um ideal de plena humanização.» *O Instinto Supremo: quando a ética se torna humanitária*, *In Memoriam de Ferreira de Castro* (1976).

Jorge Amado: «Grande romancista contemporâneo, dos maiores de nosso tempo, voz de seu povo, é também voz do povo brasileiro. Sua obra, toda ela importante, onde romances como *A Lã e a Neve*, *Terra Fria*, *A Selva*, *A Curva da Estrada* são expressões do que de mais alto nos deu a novelística atual, é hoje patrimônio da cultura do homem, e expressão do verdadeiro humanismo, com ela o homem cresceu em dignidade. *O Instinto*

Supremo soma-se a essa grande obra de criação como um dos romances mais nobres da língua portuguesa.» «Epopéia do humanismo», *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro (1968).

Philippe Brunetière: «O livro é denso, profundo, recamado de factos, de ideias e de reacções, narrados com tanta força como finura, com tanta psicologia como profundidade e compreensão na análise dos comportamentos.» «uma lição para os homens de hoje», *Les Nouvelles Littéraires* (1970).

*À memória de Cândido Rondon, grande figura
moral do nosso tempo, e à de todos aqueles que
realizaram nas profundidades dos sertões brasileiros,
à luz das suas ideias, uma epopeia de humanitarismo.*

PÓRTICO

Meu amigo:

Um dia, já não sei há quantos anos desaparecido, mas certamente há mais de vinte, chegou, enfim, a mancheia de terra do longínquo seringal onde vivi; chegou numa caixita de papelão, que a viagem maltratou e eu conservo ainda, um pouco a modo de relíquia.

Havia-a pedido a outrem, mas foi-me remetida por si, depois de encontrar a minha carta solicitante olvidada entre as folhas de velho dicionário, amarelecida pela luz a extremidade deixada à vista; por si, que já nesse tempo entregava, perdulária e amorosamente, a sua vida e a sua paixão de biólogo, de etnógrafo e de etnólogo ao estudo das expressões físicas e humanas da floresta imensa; por si, caro Nunes Pereira, que eu não conhecia ainda.

Mais tarde, numa das suas deslocações sobre as veias da Amazônia, cujo mistério renasce logo após cada violação, como ressurge o do nosso corpo a seguir ao trânsito dos Raios X, você tornou a desembarcar no seringal Paraíso, pensando de novo em mim. E desta feita buscou pacientemente, nos antigos livros daquele escritório que tinha dois belos crótons bicolores em frente da janela e estava ainda como eu o havia frequentado, a minha conta ali, entre as de outros párias, a minha vida sintetizada em Algarismos, como é de bom e corrente uso no mundo em que vivemos; neste caso poucas cifras, pois eu ganhava dez tostões por dia. E pelo mesmo correio recebi esse inesperado documento, num jornal reproduzido, e a imagem que a sua máquina fotográfica extraíra do barracão onde o final da minha

infância e a minha adolescência trabalharam quatro anos indefiníveis, que cada vez me parecem mais inverosímeis; a imagem do barracão e da sapotilheira que o antecedia, com o tronco encaixado por um banco, meu assento eleito ao cair das tardes, para ler, sonhar e desesperar-me ante um futuro que eu desejaria sem limites e via-o sempre limitado pelas ribas do Madeira, que fluía diante de mim.

Já nesses dias, que as suas espontâneas remessas, impregnadas de delicadeza, dir-se-ia mesmo que de poesia romântica da parte de um homem devotado ao estudo, de súbito me recordavam de modo tão emotivo, as marchas punitivas contra os parintintins, através da floresta cerrada e espinhosa, como se ela própria fosse uma discordância, haviam sido interditas nos seringais daquela área, por influência de Rondon, grande fator de humanitarismo.

Eram o meu terror esses índios. Quase criança ainda, arribada dum meio diferente, quando caminhava pelos varadouros que ligavam as barracas dos pobres cearenses e maranhenses, dispersas na brenha, muito, muito longe umas das outras, esperava sempre ver os parintintins surgirem por detrás das árvores, as flechas já nos arcos retesados, e abaterem-me num momento e cortarem-me a cabeça e sumirem-se de novo, deixando regressar o pesado silêncio da mata, que só por si me atemorizava intensamente. E foi então que principiei a admirar, com perturbante estranheza, aqueles homens do seu país, que sorriam do meu temor, como se fosse apenas infantil. Aqueles homens que todas as manhãs, e quase todos sem armas, metiam à brenha ameaçadora para agenciar a sua vida infeliz, sabendo perfeitamente que dum instante para o outro podiam ser decapitados; aqueles desconhecidos heróis populares, irmãos desses outros de que me ocupo neste romance, com o mesmo amor fraternal que você lhes dá e é a razão por que hoje lhe escrevo estas linhas.

Não podia eu, nessa época em que mal começava a alvorecer-me o espírito, imaginar que no futuro consideraria os parintintins

de maneira bem distinta daquela com que os julgava então; e que iria utilizar até a sua selvageria antiga como semente dos temas que se entrecruzam, se insinuam apenas ou se desenvolvem nitidamente aqui. Mesmo depois de haver, muito mais tarde, numa hora porventura leviana, prometido a Rondon este livro, largos anos partiram, inquietos, perplexos, antes de a promessa se cumprir.

É que, embora no vasto e diverso Mundo numerosos romancistas tenham edificado as suas obras, tantas delas tocadas de perenidade, num só meio ambiental, terrestre ou marítimo, citadino ou províncias adentro, em planuras e montanhas, eu sempre preferi um novo território literário para cada novo romance. Seduz-me auscultar os caminhos que ainda não trilhei, estudar as atmosferas que a minha pena ainda não captou, desvelar o que é inerente a cada terra; atraem-me as próprias dificuldades e assusta-me a eventualidade de repetições.

À Amazónia já eu entregara muito da minha existência e muito mais ainda da minha alma; deslumbrara-me a sua imponência, conhecera-a no seu âmago, andava-me sempre na memória. E se lá voltasse literariamente, mesmo sendo de todo diferente o problema, decerto haveria quem julgasse ir eu tentar uma recidiva da benevolência concedida ao primeiro trabalho que lhe dediquei — e essa ideia me vexava.

Mas se, em alguns momentos, os dois recifes se apresentavam diante de mim bastante fortes para me levarem a diferir a construção da nave projectada, noutros pareciam-me simples maravilhas erradias, balançando-se à superfície dum mar profundo, coisas de somenos, se as comparava à justiça de preitear a orientação moral dum grande homem, as assombrosas jornadas da sua hoste e dos seus discípulos, o espírito imensamente compreensivo e generoso do seu povo.

Entretanto Rondon falecia, deixando ainda mais viva do que até aí a promessa que lhe havia feito; e outros livros meus, aceites também com indulgência, pareciam afastar a hipótese

de que eu voltava ao mesmo caminho para colher, em planta marginal, a flor duma nova generosidade.

Em 1959, encontrando-me eu no Rio de Janeiro, o nosso amigo Jaguaribe de Matos, companheiro de Rondon e emérito cartógrafo das suas expedições, perguntava-me de repente, à entrada do Museu do índio:

– E esse prometido livro quando aparece?

Tardei ainda um molho de anos a iniciá-lo, mas ei-lo agora aqui. Escrevê-lo tornara-se uma imposição da minha consciência. Embora enraizado num facto acontecido, este exame dum problema moral que vem de muito longe e dum heroísmo popular sem espadas, sem carabinas e sem sangue, esta epopeia vivida apagadamente em dias ainda recentes, ignorada do Mundo e da própria maioria dos brasileiros, é um romance. É romance, mesmo quando na acção comparecem, ao lado das que foram imaginadas, algumas personagens que existiram em carne e osso e com sacrifício, pertinácia e coragem se entregaram à causa que serviam.

Fiel à realidade literária, que pelo seu poder condensador e harmonizante é, como de há muito se sabe, mais convincente, tantas vezes mais verosímil do que a da vida, em numerosos passos desta obra rompi deliberadamente com a história, em prol da ficção criadora e livre, para que os seus heróis não parecessem mitos, as suas acções não segregassem a incredulidade que brota das fábulas, as suas virtudes emergissem da própria condição humana, como em todas as épocas foi verdade, antes dos factos se decomporem e tornarem lendários. E assim, por entre tantos problemas confluentes, tentei averiguar, submetendo-as à prova psicológica, as possibilidades duma ideia nobre sobre o instinto de conservação dos homens que habitam estas páginas e moralmente não podiam, adeptos que eram de Rondon, defender as suas vidas, matando aqueles que se empenhavam em matá-los. E agora, meu velho Nunes Pereira, o livro que hoje lhe remeto, pobre oferenda de quem não conseguiu melhor, dirá, desta vez obedecendo inteiramente ao episódio real, se eles

venceram ou não o instinto supremo, lá onde o Mundo guarda ainda, como nos dias da sua aurora, tantos e tão complexos enigmas.

Ferreira de Castro

Com os remos a chapejarem surdamente, cautelosos como os dos ladrões, nas proas um ruído fino, menor ainda que o dos botos cortando a tona da água, as canoas meteram a terra. A noite tropical, embora de estrelas acesas, mal permitia divisar as sombras que se erguiam dos bancos e, de terço à cintura, machado ao ombro, desembarcavam umas após outras, todas hesitando sobre onde colocar os pés. Os seus toscos sapatos de borracha, com o feitio exacto das peúgas, semienterravam-se no tijuco ribeirinho e mais facilmente as pernas se desprendiam de dentro deles, do que eles se libertavam dessa lama pegajosa, quase tão voraz como as areias movediças. Mas a lâmpada de bolso, de alguém ainda sentado numa das popas, estoqueou de repente a obscuridade, abrindo um caminho de luz, estreito e oscilante, na terra que trepava do rio para a floresta, gretada na parte alta, que mal se via.

Quando os homens chegaram, enfim, ao cimo da declividade, lá de onde o céu era vasto e dir-se-ia mais claro, deram com enorme parede vegetal, quase sem espaço para os seus corpos nesse chão plano, que eles sabiam ser imenso e ali vinha desbordar. Então novas lâmpadas se acenderam e os seus focos inquietos foram riscando o grande emaranhado, onde os grossos fios das lianas cosiam, uns aos outros, arbustos, plantas, árvores, e os velhos troncos de pele esbranquiçada pareciam, quando a luz por eles subia, a modo de réptil transparente, de contornos imprecisos, querer assustar os homens com a lividez de cadáver que a sua casca, de súbito, tomava.

Mas já se ouvia uma voz de mando, a de Amaro, baixa e curta. E rapidamente brilharam as lâminas dos terçados, seguindo

as indicações das lâmpadas e rasgando as primeiras sendas, que lembravam minas a furar a tremenda espessura da brenha.

Pouco depois, aqui, ali, mais além, soavam os golpes dos machados, na noite já toda nervosa. Lâmpadas dispersas, iluminando os pés dos troncos, quase estáticas, dir-se-iam detidas para dar tempo a decifrar uma remota inscrição. Não se enxergava quem as sustinha, nem os homens que cortavam; só se viam os machados e as mãos, ora a sair, ora a mergulhar na sombra, como os insectos chamados ao farol que os matará.

– Vai pau! – Num instante, a frase humanizara aquela alegoria de desvaio. Todas as lâmpadas se apagaram, menos a do homem que a proferira. Mas logo outras três se reacenderam, à volta da árvore que ia tombar, e por ela os seus focos subiram até a copa, onde se fixaram como se pretendessem sustê-la com essas débeis escoras de luz.

O machado voltou a insistir. O tronco foi-se inclinando, estalando pouco a pouco, ainda hesitante em obedecer ao desígnio dos seus algozes. E quando, enfim, se decidiu, os galhos dos vizinhos, a que se amparava e com brutalidade ia partindo, lançaram protestos mais ruidosos e aflitos do que ele próprio, que a esse apoio forçado ficou devendo poder morrer abafadamente, como se tivesse rolado de degrau em degrau, até a cova.

Desde então, na noite cheia de rumores, poucos minutos decorriam sem que se ouvisse «Vai pau!», «Vai pau!» e sem que os quatro jactos de luz tornassem a aderir, no jeito de arcobotantes, à frança da nova vítima.

As horas iam-se esgotando cada vez mais agitadas, mais febris e sudorosas, os homens das lâmpadas a alternarem com os dos machados no corte da floresta cerrada e negra, que só nessa noite, ali, depois que existia o Mundo, cedia enfim a sua virgindade. Dir-se-ia que as próprias árvores tinham abandonado o ar austero e imóvel, essa enigmática expectativa com que haviam recebido, pouco antes, aquele bando de demónios, que tudo as-sarapantava em seu redor. Só Amaro não trabalhava, como se tivesse apenas a missão de vigiar os outros, contar o número de

fustes que abatiam e pronunciar, de quando em quando, algumas palavras breves, sempre baixas; mas via-se, pela frequência com que tirava o relógio do bolso e lhe chegava a sua lâmpada, que era de todos o mais apressado. Às quatro da madrugada, por entre os troncos já caídos e os arbustos esfrangalhados, ele tornou ao rio, com a luzita à frente. Na canoa maior encheu uma serapilheira de terçados, de colares de missanga, braceletes, espelhitos redondos, outras bugigangas; e, pondo-a aos ombros, voltou à terra, na mão esquerda a lâmpada, na direita dois machados. A passo insonoro de fantasma, rentou alguns dos homens que cortavam as árvores e logo penetrou mais na brenha, até a linde da área onde se efectuava a derrubada. Parecia que o seu pequeno jacto de luz, vagueando de um lado a outro, buscava um sítio idealizado e que finalmente o encontrara. Chão limpo de plantas, habitado apenas por troncos gigantescos, que recusavam a qualquer outro vegetal a possibilidade de viver à sombra fatídica das suas comas, objecto que nele se depositasse enxergar-se-ia facilmente de longe, desde que possuísse algum relevo.

Amaro deixou cair os machados, pousou a serapilheira e, reentrando no cerrado, dele volveu com dois arbustos, que rapidamente desfolhou. Espetou-os na terra e neles foi dependurando, cuidadoso, quase carinhoso, à maneira dos ourives repondo as jóias preciosas nos seus estojos, os colares e braceletes que trouxera, sobre os quais a luz perpassava, sugerindo uma borboleta elástica e fazendo rebrilhar as contas multicolores.

Plantou os machados pelos cabos, que assim ficaram verticais como num campo heráldico, de gume voltado para a banda onde as árvores tombavam; e aos terçados deu-lhes o jeito de sabres rompendo de sepulturas de guerreiros, para que se algum raio de sol conseguisse, apesar de tudo, traspassar o grande dossel, eles atraíssem, faiscando, os olhos que transitassem distantes. Foi-se ainda por um cipó, estendeu-o de um tronco a outro, nele deixando a própria serapilheira, dependurada e aberta como uma capa de burel a secar. E finalmente afastou-se dali, com sua luzita incerta, entregando à escuridade todos os presentes trazidos,

que lembravam ex-votos de um eremita aos deuses da floresta imensurável.

Agora, isoladas das vizinhas já mortas, as árvores maiores caíam desamparadamente. E o estrondo que lançavam na noite de fábula dir-se-ia encaracolar-se antes de se repercutir, já desdobrado em sucessivas ondas, mata adentro e pelos meandros do rio, de forma lenta e medonha.

— Vai pau! Vai pau!

Amaro examinou novamente o seu relógio e logo enviou o pequeno foco da lâmpada aos fustes ainda por abater. Eram cinco horas e onze. O sol não tardaria a surgir, apressado, teatralmente rápido, truque dum prestidigitador, como aparece sempre nos trópicos; e, com ele, a entrega dos corpos ao grande perigo. Dos lábios de Amaro partiu um silvo prolongado. E àquele sinal, cortante e frio na madrugada quente, os machados despediram com maior fúria ainda os seus golpes de misericórdia sobre os troncos já feridos. Encurtaram-se os intervalos da matança, os quatro focos-pilotos voavam, lesto, de copa a copa, e tumultuosamente as árvores caíam umas a seguir às outras, num fragor de tudo estarrecer.

O relógio tornara-se uma obsessão. Eram cinco e vinte e oito e Amaro sibilou de novo, desta vez imperativamente. O tumulto cessou. Assinalando os escombros vegetais com as luzitas que lhes facultavam o passo, por entre os caules prostrados e as comas aleijadas, os cortadores avançavam para a margem do rio. Entretanto, com a lâmpada ao alto, Amaro inspeccionava mais uma vez o ar: na noite que findava, várias árvores mantinham-se ainda de pé, de novo com uma serenidade grave, quase patética. Ele encolheu lentamente os ombros, como se domasse a consciência perante o que era já irremediável; e, juntando-se aos outros homens, caminhou também para a beira da água. Uma voz, que se adivinhava preocupada, interrogou entre os ruídos abafados do embarque:

— Que hora é, seu Amaro?

Hesitou e respondeu apenas:

– Muito tarde. Vamos depressa!

As canoas, que haviam chegado com movimentos sigilosos, como para um assalto, partiam agora com um nervosismo de fuga, sob aquela tira de céu que cobria, lá muito de cima, as duas margens e ameaçava azular-se. Dir-se-ia que os remos penetravam raivosamente na água, como se os braços, exaustos pelo trabalho da derrubada, precisassem de cólera para ter ainda energias.

Pouco depois o sol rompia, amarelo como uma grande gema de ovo. A sua luz horizontal doirava de súbito as cristas da brenha, doirava-as tão expeditamente como se se descerrasse o reposteiro dum palco já iluminado; e denunciava a flotilha de canoas, agora bem visíveis, correndo umas atrás das outras sobre o Maici-Mirim, estreito e cor de barro.

A montante, no chão da derrubada, já oculto pelas sucessivas curvas do rio, as árvores ainda vivas, que só por míngua de tempo haviam escapado aos gumes dos machados, iam captando nas suas franças os ecos das remadas, cada vez mais débeis e longínquos. De súbito, assustando a paz da manhã em desenvolvimento, revoaram até elas brados de guerra, estridentes e selváticos, através dos quais a morte parecia tomar, antecipadamente, uma voz de frenética alegria; brados de triunfo, alternando com gritos de dor, tão agudos, tão desesperados, como jamais os enormes troncos, nem mesmo os muito velhos, tinham ouvido naquelas solidões do Mundo.

Mas em breve a manhã florestal recuperava o seu verde silêncio e até um socó, que almoçara aos primeiros fulgores do sol, veio modorrar, enquanto fazia a digestão, sobre um pequeno galho ribeirinho, apoiado somente numa perna.

Quando, semanas depois, nos caules abatidos já a seiva coagulara e as suas copas, nuas de folhas, imitavam os esqueletos das figueiras no Inverno, alguns dos homens voltaram ali, também numa noite estrelada. E enquanto uns despediam furiosamente

os seus machados contra as árvores sobreviventes, como se quisessem vingar-se do suplemento de vida que lhes tinham concedido contra vontade, outros iam regando a querosene, esvaziando latas após latas, tudo o que haviam prostrado durante a arremetida anterior.

Entretanto, de novo com a serapilheira às costas, Amaro caminhava para o sítio onde deixara, na primeira noite, as oferendas aos índios destinadas. A sua lâmpada pesquisou o terreno, examinou os troncos onde amarrara um cipó; e a própria luz, borboleteando ao derredor, um pouco em dodivanas, parecia contente por terem desaparecido todos os objectos que ele havia ali depositado.

Afastou-se para cortar mais dois arbustos, que deitou e fincou na terra, como fizera da outra vez. E sobre eles e no chão, à sua volta, dispôs os novos presentes que trazia. Eram iguais aos primeiros, na missanga dos colares e braceletes, nos espelhos e facões; somente os machados, grandes cunhas, haviam sido substituídos por pequenas caixas de fósforos.

Perto, as últimas árvores condenadas principiavam a cair, sobressaltando a noite. Mas o relógio não chegara ainda às duas horas quando a floresta estremeceu pela derradeira vez com aqueles estrondos de ecos longos e pânticos.

Amaro colocara-se na parte superior da margem, a contar os homens que passavam na sua frente e desciam para as canoas, levando nas narinas o cheiro insistente de petróleo. Ouviu alguns deles embarcarem, meter os remos à água, afastando-se velozmente, obedientes às suas ordens. E só quando morreu de todo ao longe o discreto ruído que faziam, ele começou a riscar fósforos, para incendiar a derrubada. Em baixo ninguém o esperava. Entrou na canoa solitária e, com um cigarro olvidado no canto dos lábios, partiu também. Ia perto ainda quando viu os topos da brenha iluminarem-se com uma luz muito mais doirada do que a dessa manhã traiçoeira que lhes saíra ao caminho, quarenta e três dias antes, e os delatara fatalmente. Voltou-se e verificou, satisfeito, que o fogo cumpria, com impetuoso brio,

a missão que ele lhe confiara. As chamas já se erguiam muito alto, por detrás do arvoredo que muralhava a curva do Maici-Mirim; e o seu clarão, como que levado por uma brisa que nenhuma pele sentia, ampliava-se de instante a instante. Já se distinguíam nitidamente os contornos dos ramos que na margem direita se debruçavam, muito quedos e misteriosos, sobre a água. Amaro aproximou a canoa da margem oposta, onde havia sombra, e continuou a remar. A remar com força. Cada vez com mais força, com mais força cada vez.

II

Eram novos, magros e descascados, um ao lado do outro, os dois mastros. Unia-os, ao meio, uma tira de pano branco, com grandes letras negras, onde se lia: «Morrer se necessário for; matar, nunca!» Glocindo, que a amarrara, deslizava agora por um deles, sustentando-se apenas com o braço esquerdo, enquanto os olhos procuravam na mão direita, arqueada na sua frente, a farpa que lá se introduzira; e fazia-o como se se mirasse num espelho, indiferente a quem o visse.

Cá em baixo, o Dr. João Bonifácio, quarenta anos morenos e de estatura meã, fixava, de cabeça inclinada para trás, a faixa estremecendo ao vento; e, contente pela sua iniciativa, mais uma vez pensava: «Ele gostará certamente desta homenagem.»

Com a proa redonda, fundo chato e liso, à maneira dos cascos das tartarugas, as obras mortas quase todas abertas dos lados, para maior frescura, o «Cuiabá», que traria Rondon, já abandonara o rio e se apresentava à vista. De marcha refreada subia o igarapé, aprofundando ao barranco, ali pertinho, onde se alinhavam o Dr. João Bonifácio, alguns dos homens já seleccionados e Manuel Lobo, proprietário do seringal Três Casas, que se estendia atrás deles, com seus lagos e sua brenha imensa, até sombrias profundidades ainda por dominar.

Subitamente, a tira de pano branco, que de começo ondulava apenas, muito de leve e silenciosa, como se ameahasse forças, desatara a estralejar entre os mastros, com fúria cada vez maior. Era um alarido seco, nervoso, de múltiplos tons, ora parecendo bater palmas, a aplaudir a sua própria cólera, ora a encarrear para o desespero, com finos e cortantes gemidos.

João Bonifácio tornou a erguer os seus grandes olhos negros. Os homens que o ladeavam seguiam também, de mãos atrás das

costas, sem migalha de comentário, os movimentos da faixa, cada vez mais enfurecida, e iam considerando que o tecido, se o vapor tardasse em manobras, poderia rasgar-se antes mesmo de Rondon ler a frase lá pintada – a sua frase célebre, breviário de todos eles.

– Esqueci-me de mandar abrir-lhe uns furos – disse Bonifácio, rvorando a sua responsabilidade perante a mudez deliberada que o cercava.

Mas o «Cuiabá» procedia com tanta rapidez e confiança em si como se houvesse substituído a quilha longa e cega que lhe faltava por dois olhos vigilantes, no fundo do seu casco.

Já Glocindo prendia no cepo da mangueira que secara e era tão sólido como os cabeços dos cais de melhor reputação, o cabo que lhe haviam lançado da proa. Já se viam também, nitidamente, numerosas figuras de bordo: umas debruçadas na amura, muito quietas e tediosas, perante esse novo porto, semelhante a tantos mais que o vapor escalara; outras cruzando-se, ao longo do convés, com um oficial de farda branca, que marchava apressadamente em direcção à ré, enquanto na sua ponte altaneira, junto do práctico e do marinheiro do leme, o capitão do barco, tendo reconhecido Manuel Lobo, lhe fazia de lá um gesto amável.

Todos quantos se encontravam na ribanceira, com os pés afundados no capim, haviam imaginado ver Rondon mal o «Cuiabá» se avizinhasse. Vê-lo ao lado do comandante, lá em cima, onde costumavam aparecer, nos momentos de chegada, os passageiros que se tinham por superiores aos outros, ou então a acenar-lhes da amurada e a ler na tira de pano, com um sorriso talvez lisonjeado, o comportamento que ele próprio estabelecera e do qual, nesse dia desabrido, o vento tanto parecia discordar. Mas os olhos percorriam o barco de proa à popa, voltavam a ir, tornavam a vir e, por muito que teimassem, não descobriam em parte alguma o general. A experiência do Dr. João Bonifácio devaneou: «Justamente as pessoas importantes gostam de se demorar nos seus camarotes quando os vapores chegam aos portos e elas calculam que muita gente as espera, para as homenagear.»

Pela boca larga do portaló, a prancha já saía, longa e escura. E foi então que no convés da primeira classe surgiu alguém vinculado ao objectivo que reunia, nessa tarde, aquele grupo de homens sobre um barranco do rio Madeira, uma escalavrada ingremidade a que as águas, nos meses pluviosos, em que elas se mostram tanto mais famintas quanto mais gordas andam, todos os anos devoravam um pouco. Era o etnólogo Curt Nimuendajú, germânico de Iena naturalizado brasileiro, de há muito trabalhando, como auxiliar, no Serviço de Protecção aos índios, que saudava com um só gesto da mão direita as gentes de terra, enquanto a esquerda sustinha a aba do panamá, muito branco, que a ventania insistia em arrebatá-lo.

– Vamos lá, doutor... – murmurou Manuel Lobo, roçando o cotovelo pelo braço de João Bonifácio.

Os guinchos, que abalavam o próprio barco, com a sua força estrepitosa, já haviam começado a levantar a carga dos porões quando os dois chegaram ao pé de Curt Nimuendajú, sorridentes e intrigados.

Vendo a pergunta que traziam nos rostos, tão legível como se viesse escrita, ele voltou-se, logo após os cumprimentos, para a faixa que continuava a ondular lá em cima – e disse:

– Vocês esperavam o Rondon, é? À última hora não pôde vir. O governo encarregou-o duma missão urgente no Rio Grande do Sul.

Largada a notícia, Nimuendajú calou-se. Mas ao adivinhar a insatisfação dos olhos que o miravam, com aquele silêncio exigente, acrescentou:

– Desde que é director da Engenharia, não dispõe tanto dele como quando era chefe das linhas telegráficas.

A voz calma do etnólogo parecia adensar o ambiente de frustração.

– É pena. Seria um exemplo moral para conter os mais excitáveis... – comentou Bonifácio, olhando, ansioso por notícias da mulher, o saco do correio que Glocindo levava para terra.

– Também eu sinto um grande desgosto por ele não ter vindo – afirmava Manuel Lobo, que jamais consentira que de seus largos

domínios saíssem expedições contra os parintintins e algumas tentativas iniciara para os civilizar sem luta, embora todas em vão. — É um velho amigo e eu gostaria muito de o ter aqui alguns dias. Conheci-o ainda ele era coronel e sempre me honrou com a sua estima, mesmo depois de ser quem é.

Nimuendajú deixou extinguir-se aquele pequenino lume de amor-próprio, que lucilava ainda sobre as cinzas repentinamente criadas; e depois comunicou, num vago tom de conforto:

— Trago uma carta dele para vocês todos. Ele pensa que talvez possa vir, mais tarde, ter connosco.

Manuel Lobo inquiria de si próprio porque o etnólogo não dissera aquilo antes, mas já Bonifácio perguntava, entre dois rebombos dos guinchos:

— Veio o resto do material, é claro? E também os medicamentos que pedi?

Nimuendajú apontou para baixo:

— Tudo aí, mas deu-me muito trabalho. Era uma lista enorme. Ainda na véspera da partida de Manaus, estive o dia inteiro no Serviço de Protecção, para que nada faltasse. — Sorriu, enfim: — Também trago muitos presentes para você, que manda sua senhora. Vêm nas malas, logo lhe entrego. Dona Tarsília me procurou. Está bem, mas queria vir acompanhar você. Eu lhe expliquei que uma senhora não pode ir connosco, mas não sei se a convenci. Ela lhe escreveu.

Nimuendajú tirou dum dos bolsos interiores do casaco dois sobrescritos, deu o mais grosso a Bonifácio e tornou a guardar o outro.

Calvo, baixo, arredondado, com passinhos rápidos e curtos que pareciam aumentar e condizer com a sua expressão jubilosa, o comandante acercava-se para ofertar alguns momentos de lisonja a Manuel Lobo, rendoso carregador que era do «Cuiabá». E enquanto conversavam, com Nimuendajú ao lado, Bonifácio afastou-se ligeiramente deles, encostou-se à amurada e abriu a carta. Eram queixas após queixas, eram como as folhas de xisto, umas em cima das outras, umas pesando sobre as outras, todas ligadas, formando um só bloco:

«Quando ontem li, num jornal, que os parintintins não estavam ainda civilizados porque são os índios mais ferozes do Amazonas, fiquei como louca.» «Tu não gostas de mim; se gostasses não terias ido para aí, terias ido para o Rio Branco, dirigir as fazendas do meu pai, e me levado contigo.» «Antes de casarmos me disseste que havias saído do exército, porque o teu feitiço não se dava com os regulamentos militares e pensavas de maneira diferente da de muitos oficiais, mas que ias continuar no Serviço de Protecção aos índios. Disseste que era um dever civilizar eles, fazer deles homens iguais aos outros e que tinhas as mesmas ideias de Rondon e se todos tivessem as mesmas ideias as pessoas seriam melhores no futuro. Então aquilo me pareceu bonito, mas tu não me falaste dos grandes perigos que ias passar e eu não sabia ainda que não podia viver muito tempo sem ti.» «Se demoras mais do que prometeste, vou ter contigo. Se morreres, quero morrer também.» «Te parece, que esses selvagens, que só sabem cortar as cabeças dos civilizados, merecem os sacrificios que vais fazer por eles?»

Bonifácio conhecia as reacções de Tarsília, mimalha e caprichosa, quase vinte anos mais nova do que ele; e sentia-se ao mesmo tempo lisonjeado, enternecido e inquieto. Filha única de uma amazónica e de um português emigrado muito jovem para Manaus, onde conseguira, laborioso e sovina, transformar num sólido cofre de negociante o frágil baú de folha com que desembarcara, ela recebera da mãe a gracilidade da figura e era mais fiel ao sentimentalismo choramingoso da Coimbra paterna do que as águas o são no Inverno aos choupos fadistas do Mondego. «Tinha de responder-lhe pelo primeiro vapor, se não ela era capaz de fazer alguma asneira. Ele com tantas saudades da sua presença, mesmo das suas infantilidades carinhosas, ele com tanta ansiedade e tanto desejo, e ela agora a dizer aquilo. Sabia perfeitamente que só a paixão o decidira ao casamento que ela queria e ele procurava evitar, perante o grande desnível das suas idades; sabia a razão que o impelira para ali, mas era bem certo que ainda poucas mulheres compreendiam inteiramente

os grandes compromissos morais dos homens, desde que não se relacionassem com elas próprias. Tinha de escrever-lhe longamente, tinha de tentar convencê-la de novo.» E já o cérebro lhe fabricava os argumentos a opor-lhe, quando o comandante passou rente a ele e lhe estendeu a mão, a despedir-se. Manuel Lobo e Nimuendajú esperavam-no.

Desembarcou com eles para o chão declivoso onde a prancha apoiava a sua extremidade e se encontrava a bagagem do etnólogo, que o Glocindo começava já a transportar. Mais além, os guindastes iam descarregando fardos, caixas, barricas, outros volumes, com marcas industriais de belas cidades do Sul e de famosos países estrangeiros, que recordados ali, na terra cercada pela floresta indomada, dir-se-iam irreais, assombrosas urbes de imaginação criadas compensadoramente em acres momentos de soledade. Os olhos de Bonifácio esbarraram em dois atados de chapas de zinco e logo os transferiram para as horas perigosas, à beira de outras águas mais estreitas e menos frequentadas; e, sem o desejar, porque a ideia o molestava, ia associando o vulto da sua mulher às imagens que entrevia num vasto e misterioso quadro, onde as manchas arbóreas do fundo quase anulavam a grácil figura que ele situava no primeiro plano.

— Todos novatos? — perguntou-lhe Nimuendajú quando, enfim, se aproximaram dos homens que continuavam enfileirados no tope da ribanceira.

— Quase todos.

O etnólogo percorreu-os com um lento olhar de exame, mais sereno e técnico do que o dum militar.

— Boa tarde. Estão passando bem, é? — E foi ajuntando, sem deter o passo: — Venham de aí... Trago uma carta do nosso general para ler a vocês.

Não reconheceu nenhum dos que o haviam acompanhado durante a primeira incursão que fizera, para estudo, nos territórios onde a morte, vermelha e nua, se escondia atrás das árvores.

— O Raimundo e o Crisóstomo?

– Foram com o Amaro. Estamos à espera de que voltem – respondeu-lhe Bonifácio.

– Estão atrasados?

– Sim, um pouco.

Nimuedajú sopesou, rapidamente, a hipótese que nesse momento encerrava aquele tom de voz e não perguntou mais nada.

Por entre os cavalos e os bois que rapavam os talos de capim, em frente da casa maior, erguida na terra livre que se estendia desde o começo do barranco até a orla da floresta próxima, Manuel Lobo apressou o seu andamento para mandar abrir a sala.

Nimuedajú caminhava ao lado de Bonifácio e ia apertando e largando, entre o indicador e o polegar, o seu curto bigode, enquanto lhe ressoava ainda aquela resposta tão sumária. Era uma figura seca, de rosto oblongo, pele terrosa de impaludado, cabelo negro com risca da banda esquerda e no lábio fino, cingido aos dentes como o dos tuberculosos, esse ornato capilar que ele estimava trazer sempre com recorte esmerado.

A sua cor e a sua magreza haviam desagradado a Bonifácio, momentos antes, ao cumprimentá-lo a bordo.

– Como foi você de saúde enquanto andou por lá? – perguntava agora.

– Não tive crises. Em Belém, consultei dois colegas seus e eles me disseram que seria mais prudente não vir para aqui, mas como ia eu perder esta oportunidade? Me sinto bem.

Manuel Lobo já se tinha libertado do chapéu e encontrava-se na varanda quando eles chegaram.

– Subam

Quadrilonga e vibrátil de luz, a sala exibia, entre as três janelas a nascente, duas cabeças de veados embalsamadas e, na parede oposta, a todo o seu comprimento, numerosas flechas, cruzadas em forma de X X X X. Guardava-as Manuel Lobo como lembrança duma sua ousadia irrecompensada e também à guisa de sinais da boa sorte que tivera nesses temerosos dias em que debalde procurara contactar amigavelmente com os parintintins e eles, de entre as sombras da floresta, o atacaram e aos homens

que o acompanhavam. Uma grande oleografia do Sagrado Coração de Jesus, de tons fortemente vermelhos, presidia agora, sobre a porta do fundo, por iniciativa da esposa do seringalista, àquelas recordações de vitórias cinegéticas e de derrotas duma corajosa ideia de paz; e essa era a única peça que Nimuendajú não tinha ainda visto ali.

Os homens que vinham escutar a leitura da carta de Rondon já se apinhavam à entrada da sala. Variados na tez como na estatura, brancos e pretos, brônzeos e mulatos, uma dezena de corpos entre os trinta e os cinquenta anos, quase todos se retraíam, sussurrando apenas as palavras, por se encontrarem nos aposentos do senhor daquelas terras imensas, tão misteriosas e tão pouco habitadas que dir-se-iam mesmo sem dono. Manuel Lobo fez-lhes um sinal para se aproximarem e eles vieram situar-se perto da mesa, colocada ao centro, onde Nimuendajú, por detrás dela, depois de haver pousado o panamá, desdobrava a mensagem de que falara.

E certamente já a havia lido, mesmo estudado os efeitos que daquelas linhas manuscritas, desenhadas com firmeza, poderia desentranhar. A sua voz passou, rápida e empastada, sobre as saudações que Rondon enviava e logo se ergueu nas frases de maior acção sugestiva, que ele pronunciava com ênfase e acentuava com gestos conjugados:

«Estou em espírito com vocês e ninguém pode imaginar como lamento não estar em corpo também. Conto com a vossa coragem. Os índios são nossos irmãos, são mesmo os mais brasileiros dos brasileiros. O nosso sangue veio da Europa e da África, e começámos por ser estrangeiros, ao passo que o deles aqui se gerou e desenvolveu. Quando os portugueses chegaram, já esta pátria, que parece sem fim, tão grande é, pertencia aos índios, desde tempos tão remotos que ainda hoje não lhes podemos atribuir uma data certa.»

Os homens estavam de olhos muito fixos no papel que Nimuendajú sustinha com as mãos completamente imóveis, cor de cera e veias salientes, que nem de santo de madeira num altar;

mas adivinhava-se que eles iam vagueando, sob o impulso das palavras, longe de ali, previvendo, incertos e fantasiosos, os dias que os aguardavam; eles, todos eles, mesmo o Jarbas, o único que deixava escorrer, pelos cantos dos lábios, um sorriso lento e ambíguo.

«Tomámos-lhes as terras, algumas vezes mesmo os brancos destruíram-lhes as malocas, por essas clareiras afora, nos recesos das selvas, onde criavam os filhos e confiavam ao sol uma vida isenta de ambições; e quando reagiam aos invasores, com suas flechas primitivas, gentes sem compreensão respondiam-lhes com balas de rifles. Chegou, porém, o momento de concluirmos a tarefa pacificadora, que iniciámos há tempos, de acordo com o profundo sentido humano do nosso povo. Devemos concluí-la sem sangue, antes com paciência e fraternidade, para que os índios possam evoluir e beneficiar também da civilização que existe agora no Mundo.»

– Beneficiar da civilização... Que civilização? Isso é retórica! – disse subitamente Jarbas, agitando a cabeça e voltando-se para o Mariano, que estava à sua banda. Desferido embora a meia voz, todos deram pelo comentário, mesmo Nimuendajú, apesar de mais afastado. E quase todos se entreolharam, surpresos e interrogativos, que muitos deles ignoravam até o significado da última palavra.

O etnólogo ergueu a vista, lançando-a sobre o importuno, com uma condenação reprimida, mas logo prosseguiu na leitura:

«Entre o algoz e a vítima é sempre a vítima que adquire autoridade moral. Eu conheço, por mim próprio, a dificuldade que temos em subjugar o instinto de conservação, que é o instinto supremo do homem, sobretudo quando há grande risco de morte. O movimento de legítima defesa só pode ser dominado pela força de uma ideia, que será tanto mais poderosa quanto mais nobre for. Se algum, de entre vós, não se julgar capaz de vencer as suas reacções instintivas, deve declará-lo antes de partir, sem se sentir vexado, nem se sentir cobarde, pois isso é perfeitamente compreensível e humano, mesmo nos mais valentes. Aos que

estiverem dispostos a irem para morrer se for necessário e nunca para matar, eu direi que eles honram a nossa terra e toda a Humanidade.»

Percebendo que a carta terminara, Jarbas insistiu, voltado agora para Honório:

– Está bem, mas não há dúvida que tem um pouco de retórica...

Nimuendajú ia pronunciar ainda algumas frases pessoais, na esteira das de Rondon, mas de súbito dobrou a folha de papel que tinha nas mãos e, olhando friamente o seu pequeno auditório, disse apenas:

– Se alguém não quiser ir, está a tempo de o declarar.

Foi então que Honório, um dos pretos, de corpo esguio e ondulante como os dos bons capoeiras, lhe perguntou:

– Não há mais nada? Não há? – E, parecendo-lhe que Nimuendajú hesitava em responder-lhe, acrescentou com desenfado: – Sobre esse negócio de a gente ir ou não ir, o doutor Bonifácio já sabe tudo.

«Eram novos, magros e descascados, um ao lado do outro, os dois mastros. Unia-os, ao meio, uma tira de pano branco, com grandes letras negras, onde se lia: "Morrer se necessário for; matar, nunca!"»

Curt Nimuendajú, etnólogo alemão naturalizado brasileiro, prepara-se para liderar uma missão cujo objectivo é pacificar os índios parintintins no interior da selva amazónica. A missão, orientada pela visão de Cândido Rondon, marechal e explorador sertanejo, republicano e abolicionista, segue o lema deste: «Morrer se necessário for; matar, nunca!» Os homens, enviados pelo Serviço de Protecção aos Índios, são obrigados a fazer uma jura antes de partirem: aconteça o que acontecer, nunca tirarão a vida de um índio. Ao longo do caminho, terão de enfrentar todo o tipo de desafios: a selva é impiedosa, os índios hostis e, talvez o mais difícil, deverão contrariar o seu próprio instinto de sobrevivência perante uma ameaça que não podem combater.

Último livro publicado por Ferreira de Castro, *O Instinto Supremo* constitui um regresso do autor à Amazónia, cenário do seu livro-monumento *A Selva*. Ganha, com o tempo, estatuto de clássico e, a forma como a crueza do processo de pacificação dos índios convive nas suas páginas com o virtuosismo das descrições da floresta, torna-o um livro necessário e único.

ISBN 978-989-623-271-9
9 789896 232719



cavalo de ferro